

NOS TEXTOS DE BAKHTIN E VYGOTSKY: UM ENCONTRO POSSÍVEL¹

Maria Teresa de Assunção Freitas²

1- UM ENCONTRO NO TEMPO

Diz Benjamin..." *que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história*"(1987, p..223). É por isso que hoje estamos aqui nesse "encontro marcado com uma geração que precedeu à nossa,"(Benjamin,1987,p.223) procurando articular historicamente o passado, descobrindo nele centelhas de esperança, fazendo dele uma experiência única.

É o proprio Bakhtin (1992) quem diz que uma obra não pode ficar encerrada em sua contemporaneidade pois suas raízes se prendem a um passado remoto e ao surgir em sua época ela representa o fruto maduro proveniente de um lento e complexo processo de gestação. Contentar-se em compreender e explicar uma obra, a partir das condições de sua época é condenar-se a jamais penetrar em seu sentido profundo. Ao mergulhar no passado e ligar-se a ele consubstancialmente é que a obra encontra as possibilidades de viver no futuro.

*"As obras rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na **grande temporalidade** e, assim, não é raro que essa vida (o que sempre sucede com uma grande obra) seja mais intensa e mais plena do que nos tempos de sua contemporaneidade. "*

(Bakhtin, 1992,p..364)

É no anúncio profético dessas palavras que, cem anos depois, dois autores são libertados da prisão de sua contemporaneidade inserindo-se no **grande tempo**. Suas obras, que ao se interpenetrarem pelo diálogo enriquecem-se mutuamente, aumentam de importância e alcançam a plenitude de seu sentido no momento em que são inseridas num outro contexto cultural .

¹ Texto apresentada na mesa redonda: *Bakhtin e seus interlocutores*, durante o colóquio internacional **Dialogismo: 100 anos de Bakhtin**, promovido pelo Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. SP, de 16 a 18 de novembro de 1995. Este texto foi publicado no livro **Dialogismo: 100 anos de Bakhtin**, pela editora da Unicamp (no prelo).

² Professora da Faculdade de Educação da UFJF; Doutora em Educação pela PUC-RIO; Pesquisadora do CNPq.

O tema em debate: "**Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível**" projeta, pois, para o instante presente, um encontro dos dois autores russos que nasceram no final do século passado. Explodindo a fronteira do tempo suas vozes se encontram e o diálogo acontece. Diálogo como busca de sentido, como ato de compreensão, que escapa a uma relação puramente lógica ou fatural. Não se trata de estabelecer uma discussão ou polêmica entre eles, mas de se procurar o ponto onde se entrecruzam com toda integridade suas posições, suas pessoas, enfim suas vozes. Fazer assim, emergir para o momento atual essas vozes para que no embate dialógico um novo texto seja tecido.

2- UM ENCONTRO NA VIDA

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin e Lev Semyonovich Vygotsky nasceram em anos próximos (1895 e 1896) e viveram num mesmo país - a Rússia - compartilhando a experiência dos anos revolucionários. Entretanto, talvez nunca tenham se conhecido pessoalmente e seu rápido encontro só se concretizou através de duas citações num livro escrito por Bakhtin em 1925(O Freudismo), sobre um artigo de Vygotsky (A consciência como um problema da psicologia do comportamento) publicado em 1924.³ Um encontro fortuito, possibilitado apenas pelas palavras escritas em seus textos iniciais. Mais do que simples palavras, no entanto, ligam os dois nomes. Experimentaram o mesmo contexto histórico, o mesmo ambiente teórico-ideológico nos quais desenvolveram semelhantes visões de mundo e de homem, abraçando os ideais do projeto de uma nova sociedade baseada na organização socialista. Enquanto a vida de Bakhtin foi longa, estendendo-se apesar de seus problemas de saúde até os 80 anos de idade, Vygotsky viveu apenas 38 anos, morrendo vítima de tuberculose. O período mais produtivo da vida de Vygotsky (1924 a 1934) foi passado em Moscou enquanto Bakhtin, também produzindo muito, viveu na mesma época em Leningrado, indo depois para o Cazakistão, na fronteira com a Sibéria.. Mais tarde foi para Saransk, só morando em Moscou nos seus últimos 5 anos de vida. Ambos exerceram o magistério sendo admirados por seus alunos e suas conferências lotavam auditórios. Pertencendo a famílias cultas, desde cedo interessaram-se pelas artes, desenvolvendo atividades ligadas à literatura, ao teatro, à música. Durante os anos imediatos que se seguiram à revolução russa Bakhtin viveu em Nevel e Vítebsk e Vygotsky em Gomel, cidades pequenas mas com grande efervecência intelectual. Participaram aí de grupos de intelectuais incluindo filósofos, músicos, literatos e artistas

³ Mais detalhes sobre o assunto são encontrados no livro : FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin- Psicologia e educação: um intertexto**, São Paulo: Ática\EDUFJF,1994, p.156.

plásticos que tiveram uma influência básica sobre o desenvolvimento ulterior de seu pensamento. O grupo de amigos, o círculo de intelectuais, foram uma constante na vida dos dois autores, parecendo demonstrar a necessidade que sentiam de partilhar seus pensamentos: não sendo adeptos da reflexão isolada, construíram suas teorias num permanente diálogo com os outros. Além disso, o momento era para os intelectuais russos uma oportunidade de embates acadêmicos contra a velha geração e contra o vazio teórico do próprio marxismo no trato de questões como o conhecimento, a linguagem, a arte, a literatura, enfim, a cultura em geral (Faraco,1993). Todo esse movimento cultural experienciado por ambos foi depois desbaratado no período stalinista e, Bakhtin e Vygotsky, por não se curvarem às imposições do Estado, acabaram perseguidos e proibidos de publicarem suas obras. Embora indentificados com o pensamento de Marx, opunham-se ao monologismo da imposição oficial e canônica do marxismo na Rússia. Comprometidos com a transformação da realidade tinham, no entanto, do marxismo uma visão crítica própria valorizando a subjetividade e a singularidade, o que os distanciava da forma mecanicista e burocrática com que este imperava em seu país. Viveram assim, um período de ostracismo do qual só retornaram nos anos 60, com a distensão proposta por Khrushchev. Vygotsky foi redescoberto bem depois de sua morte, enquanto Bakhtin teve um reconhecimento ao final de sua vida. Com suas obras republicadas na Rússia e sua conseqüente difusão no ocidente, ambos na atualidade, têm sido alvo de grande interesse pela visão articulada e interdisciplinar com que respondem aos dilemas da vida moderna.

3- UM ENCONTRO NAS IDÉIAS

Uma compreensão no momento contemporâneo, das idéias de Bakhtin e Vygotsky, só será possível na interrelação entre seus textos. Para Bakhtin (1992) compreender é cotejar com outros textos e pensar num novo contexto. É o que pretendo fazer, consciente de que um texto só vive em contato com outro texto e de que é no ponto em que se intersectam que surge a luz esclarecedora, tornando o diálogo possível. Diálogo entre os textos e entre nós, seus interlocutores, que desfrutando de um horizonte espacial comum, ligados por laços de "fraternidade" podemos penetrar em suas obras, captando seus valores e sentidos. Que suas palavras, assimiladas por nós e eternamente vivas, possam se renovar criativamente em nosso contexto.

Analisando as obras dos dois autores, fica evidente que embora partindo de objetivos diferentes - Bakhtin, a construção de uma concepção histórica e social da linguagem e Vygotsky, a formulação de uma psicologia historicamente fundamentada -

muitos são os pontos de encontro entre suas idéias. A possibilidade dessas semelhanças está ligada a dois pontos básicos: o método dialético e a sua visão de ciências humanas.

O materialismo histórico dialético está presente como o referencial teórico comum às suas teorias, e a dialética constitui-se em seu método de trabalho. É pelo método que se reconhece uma forma de pensar. Em seus escritos a semelhança do método se faz presente na forma com que colocam o problema a ser abordado, fazem ouvir as diversas vozes discordantes, apresentam sua contra-palavra e por fim chegam a uma nova formulação superadora das posições criticadas. Bakhtin (1992), compreendendo a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação, critica a dialética monológica de Hegel, na qual percebe uma sistemática mecânica de oposições que priva o diálogo de sua condição essencial e propõe uma dialética que, nascendo do diálogo, nele se prolonga, colocando pessoas e textos num permanente processo dialógico. Seu pensamento, sempre aberto, resiste à idéia de acabamento e perfeição, e sem colocar um ponto final, não dizendo a última palavra, vai replicando criticamente posições discordantes, recriando um novo texto no diálogo com elas. Vygotsky(1982), procurando nos mestres do marxismo não "*a solução da questão, nem mesmo uma hipótese de trabalho..., mas, o método de sua construção*" (p.420) compreende que todos os fenômenos devem ser estudados como um processo em movimento e mudança, buscando-se conhecer sua gênese e transformação. Todo fenômeno tem sua história e essa história é caracterizada por mudanças quantitativas e qualitativas. Em relação à psicologia é evidente sua preocupação em reconstruir a origem e o curso do desenvolvimento do comportamento e da consciência, procurando explicar a transformação dos processos psicológicos elementares em superiores por mudanças não só quantitativas, mas principalmente qualitativas. Bakhtin (1993), ao se propor a estudar a linguagem também afirma que "*o melhor sistema para esclarecer um fenômeno é observá-lo em seu processo de formação e desenvolvimento*"(p.220)⁴

Pelas coordenadas dialéticas de seu pensamento, os dois autores não vêm lugar para dicotomias que isolam o fenômeno, fragmentando-o e imobilizando-o de maneira artificial. Tudo está em movimento. Todo movimento é causado por elementos contraditórios que coexistem posteriormente numa nova totalidade. É assim que na abordagem psicológica de Vygotsky há sempre a integração entre dois sistemas: pensamento-linguagem, aprendizagem-desenvolvimento, plano-interno-plano-externo, plano interpessoal-plano intrapessoal. Bakhtin, por sua vez, em sua concepção dialógica de linguagem, coloca em diálogo: enunciado e vida, falante e ouvinte, arte e vida,

⁴Essa e outras traduções referentes a textos em espanhol, citados no presente trabalho, são de responsabilidade da autora.

linguagem e consciência. Encontra-se presente nas construções teóricas de ambos toda uma preocupação em relacionar forma e conteúdo, texto e contexto, sujeito e objeto.

Partindo, portanto, da dialética, Vygotsky e Bakhtin construíram uma visão totalizante, não fragmentada da realidade, uma perspectiva que, enraizada na história, compreende o homem como um conjunto de relações sociais (Freitas,1994). Contrários às dicotomias presentes nas concepções de linguagem e de psicologia de seu tempo por oscilarem entre os polos subjetivo e o objetivo, arquitetaram suas teorias num entrelaçamento de sujeito e objeto, propondo uma síntese dialética imersa na cultura e na história.

Para Bakhtin o compromisso com a totalidade está presente em sua crítica ao sistemas filosófico-linguísticos do subjetivismo-idealista (a língua como um processo incessante de criação individual) e do objetivismo-abstrato (a língua como um sistema de formas imutáveis), estendendo sua análise também à psicologia que, cindida em seus aspectos objetivos e subjetivos, precisa recuperar a dialética do externo e do interno. Procurando a superação dos reducionismos das psicologias racionalista e empirista Vygotsky desenvolve uma psicologia que responda ao homem todo, compreendendo que o sujeito não se constitui a partir de fenômenos internos e nem se reduz a um mero reflexo passivo do meio. O sujeito se constitui na relação.

Entendendo o homem como um sujeito social *da* e *na* história (Freitas, 1994) consideram a cultura como o meio de existência através do qual se constitui a natureza humana em toda a sua variedade. Percebem pois, a necessidade de uma teoria cultural para compreender a mútua constituição da natureza humana através da interação dos indivíduos em seus mundos de vida historicamente constituídos. A cultura é portanto uma das categorias centrais de seu pensamento. O reconhecimento da história e da cultura como fonte de saber sobre o homem, no dizer de Jobim & Souza (1994), leva a um questionamento dos modelos explicativos da ciência, propondo um novo eixo - o histórico-cultural - para se chegar a uma tomada de consciência da realidade humana no seu conjunto. Essa nova perspectiva possibilita a constituição de uma teoria das ciências humanas para além do conhecimento objetivo e da neutralidade próprios dos modelos das ciências exatas.

Nesse sentido, Vygotsky e Bakhtin são autores que realizam de fato um rompimento com a positividade das ciências de seu tempo, onde o homem é considerado objeto e os fatos sociais são vistos como coisa. Eles estabelecem uma ruptura epistemológica recuperando a unidade dos estudos do homem ao conciliar a dimensão objetiva (científica) com a dimensão subjetiva (não científica). Esse rompimento significa considerar o homem como ser humano, não mais como objeto, encontrando a humanidade do homem-sujeito das ciências humanas (Kramer,1993). Inauguram assim,

uma forma **outra** de fazer ciência, onde tem lugar o ético, o estético e o afetivo. Bakhtin(1992) afirma que a simbologia não é "*uma forma não-científica do conhecimento, mas uma forma científica-diferente do conhecimento*"(p.402) e em seguida se referindo à filosofia diz que "*ela começa onde acaba a exatidão da cientificidade e onde começa uma cientificidade diferente*"(p.404). Vygotsky(1972) falando sobre a psicologia da arte diz que "*poesia e arte representam uma forma particular de pensamento, a qual certamente conduz ao mesmo que o conhecimento científico, porém por outro caminho*"(p.50)

Ambos não se detém numa forma monológica de ciência que buscando a explicação dos fatos, contempla os objetos mudos. Eles vão mais além numa proposta dialógica de ciência, em que o que se quer obter é a compreensão. O homem não pode ser explicado como fenômeno físico, como coisa, mas sendo pessoa, tem que ser compreendido em suas ações. Uma compreensão ativa que propõe o encontro de dois sujeitos, que tendo voz se encontram no diálogo. "*O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Este ser jamais coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e importância*" (Bakhtin,1985,p394)

Esse rompimento em relação a um modelo positivo de ciências humanas se consubstancia na perspectiva da historicidade, na quebra de paradigmas, na centralidade da linguagem e na interdisciplinaridade presente nas abordagens dos dois autores. Sua própria formação interdisciplinar parece se refletir na maneira como integram em suas teorias: filosofia, estética, linguística, semiótica, psicologia, literatura, ética, teologia, antropologia, psicanálise e educação. Essa interdisciplinaridade, vista como textos que se interpenetram fecundando-se mutuamente, se contrapõe a uma ciência objetiva e neutra onde o homem esteja ausente. Vygotsky (1984), propondo a reestruturação da psicologia o faz a partir da arte, entrecruzando aos aspectos culturais, históricos e sociais, filosofia, linguagem, literatura, semiótica. De forma semelhante, Bakhtin ao tratar dos fenômenos linguísticos a partir de uma perspectiva histórica, cultural e ideológica interliga filosofia, estética, literatura, psicologia, semiótica. O fio básico de toda essa trama é a linguagem. É sobretudo pela centralidade da linguagem em seus sistemas teóricos que os dois autores mais se aproximam.

Concebendo o homem como um ser histórico e produto de um conjunto de relações sociais, Vygotsky e Bakhtin se perguntam como os fatores sociais podem modelar a mente e construir o psiquismo. A resposta que apresentam para essa questão nasce de uma perspectiva semiológica, na qual o signo como um produto social tem uma função geradora e organizadora dos processos psicológicos. Assim, a mediação semiótica da vida mental é colocada como um ponto de partida em seus estudos, do qual decorrem

outros aspectos comuns: a constituição semiótica da consciência pela interiorização da linguagem, a linguagem interior como trama semiótica da consciência, o papel do outro e do diálogo nesse processo de interiorização, a intervenção crucial do contexto.

Os dois autores consideram que a consciência é engendrada no social, a partir das relações que os homens estabelecem entre si por meio de uma atividade signíca, portanto pela mediação da linguagem. Vygotsky e Bakhtin conferem à linguagem o caráter de aspecto diferenciador entre o homem e o animal. Os animais refletem diretamente os estímulos do meio, não havendo em seus cérebros significados, categorias, conceitos. Como seres biológicos eles apenas têm funções mentais elementares. O homem ascende à sua humanidade, transforma-se de ser biológico em ser sócio-histórico no momento em que reflete a realidade objetiva de forma mediada, utilizando instrumentos psicológicos, os signos, na interação com os outros. As funções mentais elementares se transformam qualitativamente em funções mentais superiores pela utilização da linguagem adquirida no contato social. Assim, para Vygotsky (1979,1984) a consciência é o resultado dos próprios signos. Eles permitem realizar transformações nos outros e no meio externo através dos outros como também a regulação da própria conduta. São, portanto, os signos que realizam a mediação do homem com os outros e consigo mesmo, constituindo-se portanto na única forma adequada para investigar a consciência humana. Para Bakhtin (1988) os fundamentos da consciência não são fisiológicos, nem biológicos, mas sim sociológicos, não podendo ser reduzidos a processos internos. Ela se constitui no social, via linguagem. Sem o material semiótico, a consciência resulta em ficção. Além dos signos há em nossa consciência imagens de forma, cores, odores, sabores, porém essas imagens só adquirem um caráter significativo, só se transformam numa sensorialidade humana, pela linguagem. A matéria do psiquismo, portanto é a semiótica, sua realidade é a realidade do signo e este é social. "*A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais*"(Bakhtin,1988,p.35) Todo signo é pois, um fenômeno do exterior, criado pelo homem, que emerge no terreno interindividual e cuja significação se produz na dinâmica das interlocuções (Freitas,1995). Para Bakhtin (1988) a consciência individual nada pode explicar, a não ser a partir do meio ideológico e social, sendo portanto, um fato sócio-ideológico. Ela se constitui pois, no processo de assimilação da experiência alheia através da comunicação. Não existe signo interno na consciência que não tenha sido engendrado na trama ideológico-semiótica da sociedade. Ao empregar o termo ideologia Bakhtin (1988) se refere à maneira como os membros de um determinado grupo social vêem o mundo."*Um produto ideológico...reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior*" (Bakhtin,

p.31). A ideologia é pois uma representação e interpretação do real que se imprime no pensamento de forma sígnica.

Vygotsky (1979) ao afirmar que a consciência é um "*contato social consigo mesmo*"(p.85), está procurando mostrar como a consciência individual se forma a partir do social. Complementando sua idéia diz que "*somos conscientes de nós mesmos porque somos conscientes dos outros e somos conscientes dos outros porque em nossa relação conosco mesmo somos iguais aos outros em sua relação conosco.*"(p.85) É o que Bakhtin(1992) também afirma no seu ensaio "*Autor e herói na atividade estética*" ao falar que o eu só existe a partir do diálogo com os outros eus. Para definir-se e ser autor de si mesmo é necessária a colaboração dos outros eus: só uma outra consciência pode dar ao eu um unificado sentido da sua própria personalidade. Na formação do eu Bakhtin (1992) distingue: a auto-percepção (o eu para mim), a percepção dos outros (o eu para os outros) e a percepção em relação ao outro (o outro para mim). Dentro dessa perspectiva de análise posso ver o que o outro não pode ver (sua própria imagem, sua expressão) e o outro vê o que não posso ver. Bakhtin compreende que toda essa auto compreensão através do outro se manifesta desde cedo, quando a criança se vê a si própria através dos olhos da mãe. É assim que o eu na concepção de Bakhtin também se constrói em colaboração: os eus sendo atores uns dos outros. Machado de Assis (1959) em seu conto "*O espelho*", mostra na ficção, de uma forma literária, essa importância dos outros eus na formação do sentimento de identidade própria.

"Cada criatura traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro"(...) "a alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação...(...)Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida como a primeira: as duas complementam o homem, que, é, metafisicamente falando uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência: e casos há, não raros em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira" (p 259)

Este é o preâmbulo que Machado de Assis faz para contar a história de um jovem alferes cuja identidade estava na forma como os outros o viam. Em sua solidão foi aos poucos perdendo a identidade que consegue depois recuperar ao vestir a farda de alferes e se mirar no espelho O que viu no espelho, representava a percepção que lhe era dada anteriormente pelos outros que o rodeavam.

Silvestri & Blanck (1993), considerando que o material semiótico cumpre um papel fundamental na formação da personalidade e da consciência, apontam que para Bakhtin a personalidade é um produto ideológico que se define nos materiais semióticos,

selecionando como próprias algumas vozes do discurso polifônico. "*Assim, a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social.*" (Bakhtin,1988,p.117)

O outro é portanto, imprescindível tanto para Bakhtin como para Vygotsky. Sem ele o homem não mergulha no mundo sócio, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim não se constitui como sujeito. O outro é peça importante e indispensável de todo o processo dialógico que permeia ambas as teorias.

Ao propor a consciência como um contato social consigo mesmo Vygotsky(1979) sugere que este si mesmo é o resultado de um processo que se torna possível pela relação com os outros. Consciência e funções superiores tem sua raiz pois, no espaço exterior, nas relações com os objetos e as pessoas, nas condições objetivas da vida social, sendo construções resultantes de uma relação (Riviére,1985) É o que o próprio Vygotsky (1984) procura explicar ao dizer que "*todas as funções do desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual: primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica).*" (p.64)

A transformação dos processos interpessoais em intrapessoais constitui-se no que Vygotsky(1984) chama de internalização, a reconstrução interna da atividade externa. Para ele, a internalização implica uma reorganização das atividades psicológicas que só se torna viável porque emerge de um terreno social, de uma interação com os outros por meio da linguagem. Sem os outros, a conduta instrumental não chegaria a converter-se em mediação significativa, em signos e sem estes não seria possível a internalização e a construção das funções superiores. O momento mais significativo desse desenvolvimento acontece justamente quando a fala e atividade prática, antes linhas independentes convergem. E isto só é possível em um contexto comunicativo onde adulto e criança interagem. A fala se internaliza na criança pelo mesmo caminho do interpessoal para o intrapessoal, isto é, do social para o individual , ficando aí evidente a importância do outro.

O eu para Bakhtin só existe numa relação com o outro. "*Mergulhando ao fundo de si mesmo o homem encontra os olhos do outro ou vê com os olhos do outro*" Bakhtin,1985,p328). Suas próprias palavras são um resultado de incorporação de palavras alheias."A palavra do outro se transforma, dialógicamente, para tornar-se **palavra-pessoal-alheia** com a ajuda de **outras palavras do outro**, e depois, **palavra pessoal** (com, poder-se-ia dizer a perda das aspas)" (Bakhtin,1992, p.405-406)

Vygotsky (1984), referindo-se à aprendizagem humana, diz que esta pressupõe uma natureza social específica sendo um processo mediante o qual as crianças ascendem

à vida intelectual daqueles que os rodeiam. Nesse processo, que não se concretiza apenas pela maturação, mas que exige o emprego de signos, instrumentos de interação, a presença dos outros é imprescindível. O processo de desenvolvimento das funções superiores consiste precisamente na incorporação e internalização de padrões e formas de relação experienciadas com os outros. Isto só é possível porque a criança vive em grupos e estruturas sociais e porque pode aprender dos outros, através de sua relação com eles. A aprendizagem para Vygotsky (1984) só se produz quando os signos, símbolos e padrões do companheiro de interação são incorporados pela criança em função de seu grau de desenvolvimento prévio. A isto ele acrescenta a importância do desenvolvimento potencial ou proximal. Através de seu conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, Vygotsky mostra que não basta estabelecer o nível evolutivo em termos de tarefas ou atividades que uma criança é capaz de realizar sozinha, mas que é preciso determinar o que é capaz de fazer com a ajuda dos outros. As pessoas que interagem com a criança não são objetos passivos ou simples juízes de seu desenvolvimento, mas companheiros ativos que guiam, planejam, orientam as suas condutas: são agentes de seu desenvolvimento. A esse conjunto de atividades que a criança é capaz de realizar com ajuda de outros, Vygotsky chama de nível de desenvolvimento proximal, que é diferente do nível de desenvolvimento real correspondente ao que ela consegue realizar sozinha, de acordo com um desenvolvimento já consolidado. Essa é, portanto, uma dimensão dialógica do processo de construção do conhecimento na qual se encontra implícita a idéia de interlocução de Bakhtin. Com base nessas idéias de Vygotsky e Bakhtin pode-se pensar numa nova dimensão do espaço escolar que possibilita a manifestação da diferença dos modos e esquemas de construção do conhecimento acompanhada de um trabalho pedagógico que se transforma numa ação compartilhada, num espaço de elaboração conjunta. Ao se valorizar essa interação dialógica, o aluno não é mais um agente passivo e receptivo, mas um sujeito que age e, pelo seu discurso se faz ouvir, recriando-se no seio de outras vozes. A ação compartilhada permeando o espaço pedagógico, humaniza o processo educacional.

Observando os textos de Bakhtin e Vygotsky sobre a palavra, percebo que neles ela é vista como o instrumento semiótico mais poderoso no contato social e na regulação interpessoal da conduta e como o modo mais puro de interação social. Ao analisar os processos de internalização da linguagem, Vygotsky (1991) se refere ao pensamento verbal que se constitui na trama essencial da estrutura semiótica da consciência dizendo que para entendê-lo, não se pode considerar analiticamente separados seus dois componentes: pensamento e palavra. É preciso compreendê-lo através de uma unidade de análise que contenha a propriedade do todo. Essa unidade é o **significado das palavras**.

O significado é um fenômeno da fala: palavras sem significado, são apenas um som vazio. É um fenômeno do pensamento: o significado de cada palavra é uma generalização, um conceito, que por sua vez são atos do pensamento. Assim, o significado da palavra é a chave da compreensão da unidade dialética entre pensamento e linguagem. Bakhtin vai mais além considerando a palavra como um fenômeno ideológico, que exercendo a função de signo, reflete e refrata a realidade. "*As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios*" (Bakhtin,1988,p.41) A palavra como signo ideológico tem ubiquidade social, estando presente em vários lugares ao mesmo tempo, penetrando em todas as relações entre os indivíduos. O signo linguístico é assim, "*marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado*" (Bakhtin,1988,p.44) A palavra se revela como o local onde se confrontam valores sociais contraditórios de forma que os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no próprio interior do sistema social. É nesse sentido que se diz que Bakhtin viu a palavra (signo linguístico) como a intermediária entre a infra-estrutura (relações de produção e estrutura sócio-política) e a superestrutura.(sistema ideológico organizado) (Freitas,1994).

Para Vygotsky, a linguagem não é apenas uma manifestação externa do pensamento. "*O pensamento não é simplesmente expresso em palavras: é por meio delas que ele passa a existir*" (Vygotsky,1991,p.108) A palavra tem assim um papel central no desenvolvimento do pensamento e na evolução histórica da consciência como um todo. "*Uma palavra é um microcosmo da consciência humana*"(Vygotsky,1991,p.132). De forma semelhante, Bakhtin (1988) compreende também a palavra como material semiótico da consciência, determinando o conteúdo da vida interior, do discurso interior. O centro organizador e formador da atividade mental não está no interior do sujeito, mas fora dele na própria interação verbal. Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas é a expressão que organiza a atividade mental. Um falante ao expressar seu pensamento para alguém, vê que as suas palavras retornam para o interior do pensamento enriquecidas e modificadas. A verbalização externa das idéias contribui para uma compreensão mais clara do discurso interior, organizando melhor o pensamento.

Os dois autores vêem pois a linguagem não apenas em seu aspecto comunicativo, mas como organizadora do pensamento e planejadora da ação. Continuando a refletir sobre a relação entre pensamento e palavra Vygotsky mostra a importância de se ter uma compreensão clara da natureza psicológica da fala interior. Considerando que a fala exterior representa o início do desenvolvimento da linguagem na criança e é adquirida no processo de interação verbal, ele se detém de um modo especial analisando a fala que se

interioriza em pensamento. Diante das dificuldades de investigá-la, descobre na fala que Piaget chamou de egocêntrica, o caminho para a compreensão da fala interior. Discordando de Piaget, que não percebeu a relação genética da fala egocêntrica com a fala interior, atribuindo-a a uma socialização insuficiente e prevendo seu futuro desaparecimento, Vygotsky salienta que ambas são sociais embora com funções diferentes. A fala egocêntrica acontece no momento em que a criança transforma formas sociais e cooperativas de comportamento em formas psíquicas internas. Ela representa assim um estágio transitório na evolução da fala oral para a fala interior, não só acompanhando as atividades da criança, mas principalmente se colocando a serviço da orientação mental, da compreensão consciente com superação de suas dificuldades. A fala egocêntrica está relacionada com o pensamento e em sua curva ascendente, segue uma evolução: transforma-se em fala interior. Tem assim a função diretiva estratégica de transformar atividade da criança ao nível de um pensamento intencional. Na fala interior a criança adquire uma nova capacidade: a de pensar as palavras, em vez de pronunciá-las. Assim, no desenvolvimento da linguagem fica clara a atividade partilhada: adulto-criança. O adulto introduz a língua que apoiada na comunicação pré-verbal da criança aparece inicialmente como um instrumento de comunicação e de interação social. Em seguida, transforma-se em instrumento de organização psíquica interior. Essa progressiva individualização é esclarecedora para a compreensão da construção da subjetividade e da consciência, via relações sociais e linguagem. É dessa mesma forma que Bakhtin se refere ao discurso interior dizendo que sem ele não existe consciência. Ele se forma interiorizando-se a fala e mantendo, ainda que em grau diverso, sua característica mais constitutiva: a dialogicidade. A linguagem interior se origina por introjeção da fala comunicativa e dela retém suas propriedades. Os signos, em seu caráter externo, são instrumentos objetivos da relação com os outros. Ao tornarem-se interiores, convertem-se em instrumentos internos e subjetivos da relação consigo mesmo. É um diálogo não com o outro, mas consigo mesmo. (Silvestri & Blanck, 1993)

Bakhtin analisa a estrutura da enunciação na língua corrente pela inter-relação entre significação, sentido e valor apreciativo. Vygotsky da mesma forma busca apreender a estrutura do pensamento a partir do sentido e da intenção afetivo-volitiva presentes na interação verbal. Ambos distinguem significado e sentido da palavra. Para Vygotsky (1991), o sentido consiste

na soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluído e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge: em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do

sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala. (p.125)

Coincidentemente, Bakhtin (1988) entende por significação "*os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos*"(p.129). São elementos abstratos, fundados sobre uma convenção: é a palavra dicionarizada. Referindo-se ao tema como estágio superior real da capacidade linguística de significar, entende que o sentido de uma palavra lhe é dado pelo contexto, nas condições de uma enunciação concreta. É interessante que tanto Bakhtin como Vygotsky, utilizam o mesmo exemplo literário para indicar o papel do contexto na determinação do sentido em um trecho de "*O diário de um escritor*", em que Dostoiévski relata uma conversa dentre bêbados, onde uma só palavra impublicável, vai adquirindo no diálogo seis sentidos diferentes. No mesmo exemplo fica claro também o valor que ambos dão à entoação para a mudança do sentido.

Vygotsky observa que na fala interior há o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra, e do contexto sobre a frase. Falando em seguida do plano do próprio pensamento, diz que seu fluxo não é acompanhado por uma manifestação simultânea da fala. O pensamento não consiste, ao contrário da fala em unidades separadas. Na mente de um falante o pensamento está presente em sua totalidade e num só momento, mas na fala tem que ser desenvolvido em uma sequência. "*Um só pensamento pode ser comparado a uma nuvem descarregando uma chuva de palavras*"(Vygotsky,1991,p.129). Bakhtin (1993) também se refere a isto como o "*tormento da palavra*" resultante dos conflitos entre a linguagem interior e exterior dizendo que às vezes "*nossas palavras não bastam para expressar nossas emoções (...)* são impotentes para transmitir tudo o que a alma quer dizer (p.231)

Apesar destes aspectos comuns, Vygotsky e Bakhtin se diferenciam em algumas questões. Assim acontece quanto à interpretação que dão à evolução semântica da língua. Vygotsky se refere às transformações do significado da palavra ao longo do desenvolvimento do sujeito enquanto Bakhtin desvenda a estrutura social da língua partindo do confronto ideológico dos valores sociais contraditórios ao longo da história social humana. Situa a palavra no amplo conjunto de textos veiculados pelo diálogo e que refletem a estrutura simbólica de uma determinada cultura.(Jobim & Souza,1994). Essa análise acaba levando à influência do contexto ideológico sobre a consciência individual e vice-versa.

A grande preocupação de Bakhtin ao criticar a linguística de seu tempo, foi justamente mostrar a relação da linguagem com a realidade, enraizando-a na existência histórica dos homens. A comunicação verbal para ele não pode ser compreendida fora de

sua ligação com a vida concreta. Assim, Bakhtin acrescenta ao aspecto meramente linguístico o contextual, necessário para a presença da dialogicidade. O enunciado se produz num contexto que é social, portanto é sempre um diálogo, uma relação entre pessoas. Um de seus objetivos foi desvendar as relações entre a realidade e a construção das representações dessa realidade no interior da atividade mental dos indivíduos. Dessa maneira enfoca o problema da linguagem numa perspectiva mais ampla, mais abrangente do que Vygotsky, que situou-a no âmbito de uma teoria social do conhecimento, procurando as possibilidades de o homem, através de suas relações sociais, pela mediação da linguagem constituir-se e desenvolver-se como sujeito. Vygotsky ao reformular a psicologia numa perspectiva dialética, pouco se deteve na discussão de temas como: luta de classes, ideologia, relações infra-super estrutura, instituições sociais. Foi Bakhtin que se preocupou especialmente com estas questões. Daí ter situado a fala corrente num contexto mais amplo, identificando várias expressões ideológicas que se interligam e se multideterminam. Vygotsky situou a fala corrente num contexto mais retrito: o das relações imediatas entre os indivíduos, porém sem perder a dimensão mais ampla de meio cultural e história(Freitas,1994).

Ainda poderia analisar muitos outros aspectos que se interligam nos textos de Vygotsky e Bakhtin, mas privilegiei dentro de sua perspectiva dialética e dialógica, as relações entre linguagem e consciência. Aqui terminam as minhas palavras, que esperam agora a réplica de meus interlocutores. É preciso que surjam outras vozes, porque de acordo com Bakhtin (1993) um orador que escuta apenas sua própria voz paraliza sua enunciação, destrói o vínculo dialógico com sua audiência, restando inútil a sua intervenção. Para que nossa interlocução se efetive é preciso que à minha palavra se oponha a sua contra-palavra. Essa é a essência da compreensão, onde o *já-dito* será agora enriquecido e completado pelo *dito* de vocês.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, M O espelho in **Papéis Avulsos**. São Paulo: Ed. Mérito,1959
- BAKHTIN, M. **Estética de la criacion verbal**. México: SigloXXI editores,1985
- (Volochinov) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec,1988
- Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes,1992
- Que es el language? in Silvestri,A.& Blanck,G. **Bajtín y Vigotski: la organization semiótica de la consciencia**. Barcelona: Antropos,1993

- **The Bakhtin Reader** (Edited by pam Morris) New York: Edward Arnold,1994
- FARACO, C. A. Bakhtin: a aventura dialógica. in **As aventuras do pensamento**. Curitiba: Editora da UFPR,1993
- FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação um intertexto**. São Paulo: Ática,1994
- **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. Campinas: Papirus,1994b
- Bakhtin e a Psicologia. In **A epifania do dialogismo: 100anos de Mikhail Bakhtin**. Curitiba, Editora da UFPR, 1995(no prelo)
- JOBIM & SOUZA, S. **Infância e Linguagem- Bakhtin, Vygotsky, Benjamin**.Campinas: Papirus,1994
- KRAMER, S. **Por entre as pedras: Arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática,1993.
- RIVIÉRE,A. **La psicologia de Vigotski**, Madrid: Visor,1985.
- SILVESTRIA, & BLANCK, G. **Bajtín y VigotskiL la organization semiótica de la consciencia**. Barcelona: Anthropos,1993
- VYGOTSKY, L. S. **Psicologia del Arte**. Barcelona: Barral Editores,1972.
- Consciousness as a problem in the psychology of behavior. **Soviet Psychology**,4,3- 35,1979.
- **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes,1984.
- **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes,1991